

APRESENTAÇÃO

Como acontece com a maior parte das literaturas judaicas dos séculos XIX e XX, as literaturas judaicas latino-americanas foram criadas sob o impacto de um confronto. A política e o antissemitismo nos países de origem, e não apenas o apelo de sorte e fortuna numa região distante do mundo foram, na maioria dos casos, a causa principal da chegada de imigrantes judeus às Américas do Sul e Central. Sua vinda da Europa Oriental e Central poucas vezes foi voluntária e praticamente nunca esteve relacionada a qualquer tipo de ligação com a cultura ou com a geografia latino-americanas: com raras exceções, o novo continente não significava mais do que uma melhor chance de sobrevivência para populações judaicas, que foram arrancadas ou expulsas dos países nos quais seus ancestrais tinham vivido por muitos séculos.

Enquanto os judeus que emigraram de seus guetos e *shtetls* para as metrópoles da Europa Ocidental durante o século XIX estavam ansiosos, na maioria das vezes, por se assimilarem às novas nações, como a França, a Alemanha e o Império Austro-Húngaro, integrando-se à cultura circundante e tornando-se *israelites* (em vez de *juifs*) ou “cidadãos alemães de fé mosaica”, e aqueles que se dirigiam aos Estados Unidos se empenhavam para se transformar em norte-americanos, os que chegaram à América Latina encontraram poucas coisas às quais gostariam de se assimilar: as populações locais e suas culturas permaneceram não só estrangeiras para eles, mas também inacessíveis. Os judeus europeus, com suas formações religiosas e étnicas, simplesmente eram incapazes de se identificar com países nos quais a maior parte da população era indígena ou de origem africana.

Uma exceção possível nessa regra é o caso da Argentina, onde imigrantes europeus, em sua maior parte de origem italiana ou espanhola, dizimaram as populações indígenas e as de origem africana no contexto de seu projeto de construção da Nação Argentina, no século XIX, e onde os judeus começaram a se estabelecer na década de 1890 graças aos esforços da Jewish Colonization Agency.

O esforço no sentido da assimilação empreendido por esses judeus é retratado de maneira exemplar no romance *Los gauchos judios de los pampas* (1910), de Alberto Gerchunoff (1883-1950), uma novela ímpar que descreve o universo pastoral e agrário dos assentamentos judaicos na província de Entre-Rios, no Norte da Argentina, onde eles adotaram, ou tentaram adotar, o estilo de vida dos *gauchos* locais. Porém, como frequentemente é o caso com os esforços judaicos por assimilação em outros contextos, essa identidade judaico-argentina imaginada por Gerchunoff foi posta em xeque pelos *pogroms* de Buenos Aires, em 1919. Em anos mais recentes, o

antisemitismo dos membros do governo militar, que dirigiu a Argentina de 1976 a 1983, e os sangrentos atentados à Embaixada de Israel, em 1992, e à sede da AMIA, em 1994, que deixaram mais de 100 mortos e mais de 500 feridos, e que nunca foram devidamente esclarecidos pelas autoridades responsáveis, novamente colocaram um grande ponto de interrogação sobre a integração dos judeus na sociedade argentina

Em outros contextos latino-americanos, os judeus viveram em paz, na maior parte dos casos, tentando entender-se com culturas, climas e idiomas que permaneceriam sempre estrangeiros. Esse estranhamento, e os esforços por superá-lo, estão no cerne da produção literária que é abordada nesta edição conjunta das revistas *Modern Jewish Studies* e *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*.

Convidamos estudiosos de diferentes partes do mundo para apresentar e discutir obras de autores judeus da Argentina, do Brasil e do México, os países latino-americanos que receberam a maior parte dos imigrantes judeus que vieram para a América Latina nos séculos XIX e XX.

Ilan Stavans é um dos mais originais críticos da cultura e da literatura dos judeus na América Latina. Radicado nos EUA há décadas, ele se tornou uma referência no mundo acadêmico quando o assunto é literatura judaica latino-americana. Em conversa com o organizador desta edição, ele traz reflexões instigantes a respeito do lugar ocupado pelos judeus em diferentes contextos latino-americanos, assim como sobre a radical transformação ocorrida na condição judaica a partir de meados do século XX.

Em seu artigo inovador, Adriana Kanczepsky explora um aspecto virtualmente desconhecido da história da presença judaica na província argentina de Entre-Rios: o papel desempenhado por um professor enviado pela *Alliance Israélite Universelle* no fim do século XIX para educar os filhos dos imigrantes judeus russos, e seu curioso deslocamento entre uma origem turco-sefardi, uma educação francesa, um ambiente argentino e alunos russos asquenazitas, o que levou seu estranhamento a uma espécie de paroxismo.

Patrick Eser discute o significado que o intraduzível conceito alemão de *Heimat* desempenha na obra de Roberto Schopflocher (1923-2016), escritor judeu alemão exilado que se estabeleceu na Argentina, onde deu início à sua carreira literária em língua espanhola, retornando, então, gradativamente à língua alemã e ao cenário literário alemão, assim exemplificando a ideia caracteristicamente judaica da língua como pátria.

Kathrin Saringen e Tatjana Weiss contribuíram com um ensaio sobre dois contos de Samuel Rawet (1929-1984), escritor nascido na Polônia que emigrou para o Brasil em 1936 e permaneceu durante toda sua vida numa espécie de estrangeiro imaginário, alienado por um lado, da comunidade judaica, que considerava materialista e cega a todos os tipos de valores espirituais

e, por outro, da sociedade e da cultura brasileiras, que lhe eram irremediavelmente incompreensíveis.

A experiência da alienação e do estranhamento está também no cerne dos escritos filosóficos de Vilém Flusser. Flusser estabeleceu-se em São Paulo às vésperas do início da 2ª. Guerra Mundial, tendo escapado por pouco de Praga antes que tivessem início as deportações de judeus para os campos de morte, e tornou-se um dos nomes mais importantes da reflexão filosófica em torno do tema das mídias no século XX. Gabriel Philipson aponta para as influências que as cidades brasileiras exerceram sobre o pensamento de Flusser, como “lugares de deslocamento”, e como paradigmas do exílio.

As cidades brasileiras estão também no centro da reflexão de Saul Kirschbaum, que analisa as relações que autores como Moacyr Scliar, Samuel Rawet, Ronaldo Wrobel e Eliezer Levin estabeleceram com suas cidades de residência, tentando acompanhar os deslocamentos de judeus que imigraram da Europa Oriental e, nas cidades da América Latina, se concentraram em bairros específicos. A singular geografia ficcional de Moacyr Scliar é também discutida por Eviatar Oren em seu estudo sobre o romance *A Balada do Falso Messias*, que transpõe a figura histórica de Shabtai Zvi para a Porto Alegre do início do século XX, amalgamando tradições literárias e referências históricas díspares e problematizando os conflitos inerentes à identidade judaico-brasileira.

Verena Dolle aborda o poema “Migraciones”, no qual Gloria Gervitz, embora nascida no México, retrata o momento de chegada de sua família, proveniente do Leste europeu, apontando, assim, para um abismo intransponível entre sua identidade e seu entorno, enquanto Regina Igel apresenta a herança sefardita em obras de Miriam Moscona, nascida no México de pais búlgaros, e Hernan Rodríguez Fisse, nascido no Chile de pais turcos, autores que trazem o ladino dos enclaves sefarditas para o mundo da literatura de língua espanhola, da qual é muito próximo de fato, assim propondo uma reintegração tardia dos exilados da Espanha.

O tema das literaturas judaicas na América Latina é tão vasto quanto esta parte do mundo, que abriga uma infinidade de identidades nacionais, étnicas, religiosas e culturais, e permanece enredada até o âmago na relação colonial e neocolonial que a conecta aos Estados Unidos e à Europa. Cenário de diversidade, a América Latina também abriga uma pujante literatura judaica, que procuramos mapear nesta edição, ainda que sem ambições de abrangência.

Luis S. Krausz